

Doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP.
Professora do curso de Moda do Instituto de
Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de
Fora. Pesquisadora de temas ligados à juventude,
subculturas juvenis, moda e consumo juvenil, e
antropologia urbana.
E-mail: murilho@gmail.com

A mulher nos estádios: das plumas ao disfarce

Women at stadiums: from feathers to disguise

[resumo] No começo do século XX, durante os primeiros anos do futebol no Brasil, a mulher era presença marcante nos estádios, assim como as famílias. Como se tratava de um esporte amador adotado pela elite brasileira, as arquibancadas ficavam lotadas de moças elegantes, vestidas segundo a moda europeia, com seus chapéus enfeitados de flores e plumas que davam um colorido peculiar ao local. No decorrer do século, no entanto, a mulher vai, gradualmente, afastando-se do futebol, e o estádio passa a ser visto, cada vez mais, como um ambiente masculino.

[palavras-chave]

futebol; torcidas; imprensa esportiva; gênero.

[abstract] At the beginning of the 20th century, during the first years of soccer in Brazil, women and entire families were constantly present at soccer stadiums. Since it was an amateur sport that had been recently adopted by the Brazilian elite, bleachers were crowded with elegant young girls, dressed according to the European fashion, with hats decorated with flowers and feathers, this way adding special colors to the place. Throughout the century however, women gradually pulled away from the stadiums, which more and more became known as a strictly male environment.

[key words] soccer; fans; sport press; gender.

O futebol é o esporte com o qual os brasileiros possuem a maior intimidade e é, sem dúvida, a modalidade esportiva mais popular em todo o mundo, com exceção dos Estados Unidos. De início um jogo tradicional, passado de geração em geração a partir de regras orais que variavam segundo a localidade e a cultura, o futebol foi "civilizado" após sua adoção como esporte pelas universidades e pelos colégios ingleses no século XIX. A reunião de várias equipes de colégios e grêmios que praticavam o futebol aprovou, em 1863, o conjunto de regras que, embora modificadas mais tarde, deram início ao nobre esporte bretão.

Curiosamente, como a modalidade masculina desse esporte se tornou a mais celebrada, criou-se também o mito de que as mulheres não apreciam ou não entendem de futebol. De fato, nas últimas quatro décadas do século XX, houve um afastamento da mulher dos estádios de futebol, ou, pelo menos, um desvinculamento entre feminino e futebol. É sobre essa presença (ou ausência) das mulheres nos estádios que este artigo pretende tratar, servindo-se de relatos da crônica esportiva, em especial de um levantamento no jornal *A Gazeta Esportiva*, que cobriu o período de 1928 a 1992¹.

O futebol amador entre a elite brasileira

A chegada do futebol ao Brasil ainda é questão de disputas entre quem teria trazido a primeira bola de futebol e em que cidade teria ocorrido o primeiro jogo. De fato, para o que se pretende discutir aqui, essa questão tem pouca relevância, pois a atmosfera dos primeiros anos do futebol no Brasil era a mesma em todas as cidades em que era praticado. Seja como parte da educação física em colégio de padres, seja como passatempo de jovens de origem europeia, o futebol, em suas primeiras décadas no país, era um esporte da elite.

Em São Paulo, corre a versão que atribui a Charles Miller a paternidade do futebol no Brasil (MAZZONI, 1950), visto ter sido ele a realizar, em 1895, o primeiro jogo entre ingleses e descendentes estabelecidos na cidade. Nesse momento, os funcionários da Companhia de Gás, do London Bank e da São Paulo Railway formaram as equipes em disputa, dado o conhecimento prévio que possuíam, já que o futebol era parte da prática de educação física na Inglaterra, onde haviam estudado. Mas o interesse de outros imigrantes pelo esporte foi tal

que, já em 1900, vários clubes dedicados a outros esportes adotaram também o futebol, como foi o caso do Sport Club Germânia, São Paulo Athletic Club, Club Atlético Paulistano, Sport Club Internacional e Mackenzie College.

A cidade de São Paulo também começa a se transformar para a prática do novo esporte, que inicialmente disputava o terreno da Chácara Dulley, no Bom Retiro, com os animais da Companhia Viação Paulista que costumavam pastar no local. Em 1896, o Velódromo, construído na propriedade da família Prado para a prática do ciclismo, é transformado para sediar jogos de futebol, e suas arquibancadas tornam-se lugar de encontro do que havia de mais seleta na sociedade paulistana do início do século.

No Rio de Janeiro a propagação do futebol também é imediata, a partir da iniciativa de Oscar Cox, e, em 1901, têm início os jogos entre Rio de Janeiro e São Paulo, com a visita da equipe carioca à capital paulista, num clima de festa, elegância e camaradagem (MAZZONI, 1950). No encontro seguinte, foram os paulistanos que visitaram o Rio de Janeiro, ficando os anfitriões responsáveis pela organização da parte social do evento. Era hábito, nesses jogos, que a equipe perdedora pagasse a conta do restaurante à noite.

Durante muito tempo esses encontros foram grandes acontecimentos sociais, seguidos de jantares entre vencedores e vencidos, num clima de muita elegância, tanto aqui como no Rio de Janeiro, e não faltaram as comemorações nos mais finos restaurantes, aos quais os jogadores compareciam usando smoking.

Para um jogador era tão importante o smoking quanto o uniforme para o jogo. Talvez mais importante, porque no uniforme a camisa era importada da Europa, muito cara, mas a calça podia se improvisar; cortando-se pelos joelhos uma calça já velha, estava feito o uniforme. Já o smoking não se improvisava. Todo jogador deveria se apresentar convenientemente vestido nas comemorações de seu clube.

Nesse momento, o futebol era um esporte praticado exclusivamente pela elite, tanto paulistana como carioca. Mesmo em outras cidades do país, o futebol era para quem podia importar bolas, fardamentos e regras, além de ser sócio de um dos clubes que mantinham equipes de futebol, o que era quase impossível para quem não pertencia a uma família de elite. Os jogadores amadores pagavam até mesmo as passagens para jogos fora da cidade, como ainda ocorre hoje em algumas equipes de várzea.²

Aliás, o simples fato de acompanhar as partidas de futebol exigia um conhecimento especial dos fãs: todos os termos referentes ao jogo eram ingleses. Era tanto *corner*, *hands*, *off side*, *center foward*, enfim era difícil acompanhar os acontecimentos do *football* sem ter um certo domínio desse vocabulário. Para a elite dessas cidades, porém, não havia qualquer dificuldade; ávida de acontecimentos e novidades europeias, rapidamente a alta sociedade se aglutinou em torno do esporte bretão.

Realmente o futebol no início do século era para quem podia pagar. Tanto para jogar quanto para assistir, pois muitas crônicas da época destacam a elegância das jovens e senhoras que frequentavam as arquibancadas:

O futebol prolongava aquele momento delicioso de depois da missa. As moças, mais bonitas ainda. Tinham ido em casa, demorando-se diante do espelho, ajeitando o cabelo penteado para cima, encacheado.

Na arquibancada, sentadas, abrindo e fechando os leques, sérias, sorridentes, quietas, nervosas, como que ficavam em exposição. Os rapazes não se atrevendo a muita proximidade, na pista, junto da grade, de costas para o campo, enquanto o jogo não começava. Ou então, andando de um lado para o outro, olhando disfarçadamente, grelando.

De qualquer maneira via-se muito mais as moças, muito melhor do que numa saída de missa, a missa das nove na igreja São João Batista da Lagoa, a igreja das moças de Botafogo, a missa das dez na matriz da Glória, a igreja das moças do Fluminense. Até do *field*. Os jogadores, quando entravam em campo, corriam logo para o lugar mais cheio de chapéus, chapéus enormes, pesados, mas que pareciam leves, muitas flores, frutas, plumas, as célebres *pleureuses*. (FILHO, 1964, p. 23)

Assim, o futebol transcorria, mantendo tudo em seu devido lugar, as moças da elite na arquibancada, acompanhadas da família, os irmãos ou namorados no campo, tudo como uma grande família, e como ressalta Mario Filho (1964), até os parentes pobres podiam ter o seu lugar, um pouco mais distantes, na geral, mantendo a ordem das coisas.

Nas primeiras décadas do futebol no Brasil, embora seu sucesso crescente começasse a mobilizar multidões, o clima era de familiaridade, com as moças, irmãs ou namoradas dos jogadores, realizando as atividades sociais em torno dos jogos, como as festas, que podemos entender como um embrião de torcida organizada. Um grande exemplo desse caso é a primeira bandeira do Botafogo que foi bordada pelas irmãs Hime, Hilda, Ruth, May, Léa e Miriam.

Os primeiros torcedores

O sucesso do futebol introduziu novas cores entre os admiradores desse esporte. Assim, os adeptos do Fluminense começaram a importar da Europa uma fitinha com as cores do clube, que os homens usavam em torno do chapéu. Eram os verdadeiros torcedores, os verdadeiros defensores do time. Quem não tinha a fitinha se envergonhava de estar entre os que tinham, então, enquanto aguardava que ela chegasse da Europa, sentava-se distante, na geral, junto ao povo, que torcia, mas não podia enfeitar o chapéu com fitinha importada. Rapidamente a fitinha das cores dos clubes se propagou pelo Rio de Janeiro, como um adereço que diferenciava os torcedores.

No entanto, mesmo praticado apenas por jovens provenientes de famílias da alta sociedade, o futebol foi, aos poucos, perdendo suas características mais amistosas, cordiais, passando a ser cada vez mais marcado pelo bairrismo, pela animosidade e por um tom belicoso. Os próprios encontros entre Rio de Janeiro e São Paulo, disputados pela fina flor do futebol das duas capitais, tornaram-se palco de disputas para além das quatro linhas.

A imprensa esportiva também contribuiu para acirrar os ânimos, empregando uma linguagem marcadamente bélica em suas crônicas na semana que antecedia aos jogos, apesar dos esforços de alguns jornalistas, que condenavam o desvirtuamento do espírito esportivo.

É triste, muito triste – o que ontem presenciávamos nas arquibancadas do Fluminense. Um numeroso grupo de rapazes, todos eles com a fita de conhecido clube no chapéu, divertia-se a dirigir pilhérias, enviadas para os nossos hóspedes (o quadro do Palmeiras de São Paulo), que no campo lutavam pela vitória de seu pavilhão. E como eram todos eles rapazes educados e distintos, esperamos que, lendo esta nota, não mais reproduzam no jogo de hoje aquelas pilhérias, tolas e ridículas. (MAZZONI, 1950, p. 72)

O fragmento destacado por Mazzoni (1950) revela, em primeiro lugar, que a violência de torcedores, normalmente atribuída aos espectadores das classes populares, manifesta-se em todas as esferas sociais. Em segundo lugar, tem-se o fato de a fitinha do clube já aparecer como um adereço que permite o reconhecimento dos torcedores entre si e diante de seus adversários, como uma identificação especial.

Coelho Neto também era um grande defensor do Fluminense e, caso seu clube estivesse ameaçado de derrota, costumava invadir o campo, de cartola e bengala em punho, armando uma confusão que impedia a continuidade do jogo. Com isso impedia a derrota, era preciso anular a partida para restabelecer a ordem em campo.

Lima Barreto, ao contrário, acreditava que o futebol não era fonte de paixões. Aveso aos estrangeirismos, não via com tanta naturalidade o comportamento nos estádios e o criticava em suas crônicas.

Não há, portanto, nos nossos hábitos, fato mais agradável do que assistir uma partida de bolapê.

As senhoras que assistem, merecem então todo o nosso respeito.

Elas se entusiasmam de tal modo que esquecem todas as conveniências.

São as chamadas "torcedoras" e o que é mais apreciável nelas é o vocabulário. Rico no calão, veemente e colorido, o seu fraseado só pede meças ao dos humildes carroceiros do cais do porto.

Poderia dar alguns exemplos, mas tinha que os dar em sânscrito. Em português ou mesmo em latim, eles desafiarão a honestidade: e é, por um, que me abstenho de toda e qualquer citação elucidativa. (BARRETO, 1956, p. 183)

Para Lima Barreto, que era mulato, o futebol não poderia ser um esporte de sucesso entre os brasileiros, pois excluía os negros de seus clubes e equipes. Barreto queria a capoeira como esporte nacional. De outra parte, sua observação quanto ao linguajar feminino empregado nos estádios é digna de nota, uma vez que a mulher era costumeiramente vista como o elemento capaz de reprimir o comportamento impróprio nos estádios.

O sucesso do futebol continuou crescendo e suscitando, cada vez mais, reações apaixonadas de seus torcedores, quando se tratava de vitórias ou derrotas.

Foi com o espírito de participar dos espetáculos futebolísticos que surgiram, na década de 1940, as torcidas uniformizadas de futebol; a do São Paulo Futebol Clube foi a primeira a se constituir, fundada pelo Tenente Porfírio da Paz.³ Formada por rapazes e moças torcedores e, normalmente, sócios dos clubes, essa torcida era bem distinta do que conhecemos hoje por "torcida". Eram ainda os torcedores de certa elite social, longe do caráter eminentemente popular das torcidas organizadas, e as preferências clubísticas não estavam

totalmente desvinculadas da posição social do torcedor. Embora em algumas ocasiões as uniformizadas fizessem apelos nos jornais para que outros torcedores viessem fazer parte da torcida, ainda que não fossem sócios dos clubes, a maioria destes torcedores era sócia dos clubes e pertencia às camadas média e alta da sociedade. No entanto, desde a profissionalização do futebol, em 1933, o clima de familiaridade que imperava nos estádios foi se desfazendo, os jogadores profissionais passaram a ser recrutados nas camadas populares e muitos negros e mulatos tornaram-se "heróis" em campo, porém, menos celebrados nos eventos sociais dos clubes. Nesse sentido, as torcidas eram uma estratégia visando também ao aumento do público.

Por outro lado, a reunião desses torcedores em torcidas uniformizadas era quase espontânea; os chefes das torcidas organizavam os locais dos encontros e as roupas ou adereços que os torcedores de seu clube iriam usar. Divulgavam essas informações, inclusive através dos jornais, e no dia e local marcado quem quisesse integrar a torcida uniformizada aparecia com a roupa combinada e, algumas vezes, com o dinheiro solicitado para os ingressos ou viagens. Essas roupas usadas pelas torcidas uniformizadas, de início, eram improvisadas, ou seja, enfeitava-se um traje qualquer, como um terno preto, com as cores do clube ou se costuravam as iniciais do clube em uma camiseta branca. Essa indumentária variava de jogo para jogo, pois havia uma grande competição entre as torcidas para apresentar um espetáculo mais colorido nas arquibancadas juntamente com os trajes, as coreografias, as músicas ou os gritos de guerra, enfim, havia uma competição pela criatividade.

A imprensa paulistana deu total apoio ao nascimento e propagação das torcidas uniformizadas. O jornal *A Gazeta Esportiva*, inclusive, noticiava todos os eventos das uniformizadas, promovendo, ainda, um campeonato só disputado entre esses torcedores. Nos anos de 1942 e 1943 podemos ver nas páginas do jornal milhares de pessoas com faixas, balões, cartazes, instrumentos musicais, enfim, um espetáculo diferente assume a cena esportiva, como narra um cronista da época.

Bom ambiente na competição das torcidas arregimentadas e uniformizadas dos três grandes clubes da terra – o Corinthians, São Paulo e Palmeiras que apresentaram belas alegorias e cânticos "guerreiros", oferecendo espetáculo de admirável esportividade. O clube dos calções negros apresentou a composição com as cores da bandeira pátria formando a frase "Viva o Brasil" e, ainda, outra desenhando, perfeitamente o pavilhão nacional, além de outras.⁴

Podemos destacar, ainda, as manifestações desses torcedores como forma de total apoio à situação política da época, ressaltando símbolos nacionais, e em outro episódio, fazendo homenagem a Getúlio Vargas em seu aniversário.⁵

A torcida uniformizada do Corinthians foi fundada por João Constantino Casanova, o Tan-Tan, que durante muito tempo foi o líder dessa torcida, conselheiro e uma espécie de torcedor-símbolo daquele clube, assim como o Tenente Porfírio da Paz para o São Paulo.

Havia, nesse período, um clima de camaradagem entre as várias torcidas. Elas eram designadas pela imprensa como portadoras do melhor comportamento esportivo nos estádios e o mais cordial fora deles. Agiam, segundo a crônica esportiva, dentro de uma competitividade harmoniosa, por se tratar de pessoas que, normalmente, frequentavam os mesmos ambientes na sociedade. Esses torcedores obtinham também todo o apoio das autoridades policiais, contando com áreas reservadas e separadas nos estádios, a fim de garantir que não fossem incomodados por elementos estranhos às torcidas.

Efetivamente, as primeiras torcidas, notadamente a do São Paulo Futebol Clube, eram formadas por estudantes da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, meninos de família conceituada, ricos. Essa formação era baseada nas torcidas universitárias americanas, influência que os filhos de Paulo Machado de Carvalho haviam conhecido em viagem aos Estados Unidos e trouxeram para o Brasil. A preocupação com o colorido dos adereços que levavam aos estádios e as coreografias que realizavam nas arquibancadas era uma adaptação do que se passava nos jogos de basquete, beisebol e futebol americano nos Estados Unidos.⁶

Esses jovens eram apontados como os verdadeiros torcedores, abnegados, que tudo faziam por amor ao futebol e que elevavam o espetáculo dos estádios, contribuindo, inclusive, para a diminuição do comportamento fanático de alguns torcedores que causavam brigas, o que ocorria com certa frequência.

Contudo, o que tem melhorado um pouco esse fanatismo pessoal são as torcidas uniformizadas, que reúnem os sócios em um grande grupo sob o controle de pessoas equilibradas e de mais responsabilidade, e sob a ação direta da diretoria. Já é um consolo, *sinão (sic)* um sucesso, essa melhoria. Aí, nesse conjunto não há lugar para afeiçoados de má conduta.⁷

As brigas e violências nos estádios ocorrem desde o início do século XX, quando o futebol começa a atrair uma massa maior de torcedores, que se confrontam, de maneira simbólica ou efetiva, por suas preferências clúbicas. No entanto, esses conflitos sempre aparecem na crônica esportiva como próprios do torcedor fanático, exaltado, de má índole, que promove irresponsavelmente a desordem, a violência e a destruição. É esse fanático que é indesejável nos estádios, que deve mudar seu comportamento ou, ainda, ser caçado e punido, pois o futebol é uma diversão saudável e familiar, e esse tipo de comportamento coloca em risco o bom ambiente dos estádios.

Outro elemento importante para garantir o bom ambiente nos estádios é a presença das mulheres. Vez por outra eram lembradas em campanhas para a moralização dos estádios.

Dentre as milhares de pessoas que compareceram ontem ao Estádio, foi assaz elevado o número de senhoras e senhoritas de nossa melhor sociedade, que prestigiaram com sua presença a mais recente disputa do "Majestoso", enfeitando, com a policromia de seus vestidos e com a graça de seus sorrisos, a nova e empolgante jornada do "association" bandeirante.⁸

Percebe-se que se esperava que as mulheres fossem capazes de transformar o ambiente dos estádios com seu comportamento "feminino" – com "o colorido dos vestidos e a graça dos sorrisos". Se olharmos para os estádios na atualidade, podemos notar, facilmente, que a policromia perdeu lugar; as cores que visualizamos quase sempre são alusivas às cores dos clubes e não permitem mais distinguir o gênero do torcedor.

São apenas manchas coloridas que se movem seguindo os cânticos "guerreiros".

A juvenildade da sociedade e das torcidas

A partir da década de 1950, a sociedade brasileira começa a se transformar significativamente com as políticas de expansão industrial no governo de Juscelino Kubitschek que favoreceu a maior oferta de bens de consumo e a ampliação da classe média no país. De outra parte, a implantação da indústria automobilística no ABC paulista permitiu o acesso ao automóvel a uma camada maior da sociedade, transformando os hábitos de lazer urbanos. Tudo isso fez com que o Brasil aderisse, ainda que em descompasso, à onda de crescimento econômico e de consumo verificada nos "anos dourados".

Na década seguinte, no entanto, as transformações sociais decorrentes da revolução juvenil dos anos 1960 foram bem mais profundas, afetando consideravelmente a família como um todo e cada membro dela em particular. As relações entre as gerações se modificaram radicalmente, fazendo com que os jovens não desejassem mais viver as aspirações de seus pais, colocando em xeque todos os valores da geração precedente. As críticas iam desde o modo de vida da sociedade burguesa industrial ao desejo de ter relações sexuais livremente, desvinculando o sexo do compromisso conjugal. Essa crítica da geração dos anos 1960 ecoou em todo o mundo, como ressalta Groppo (2002), como "uma onda mundial de revoltas".

Na sociedade brasileira, na qual o conservadorismo ainda mantinha valores como a virgindade em voga, conforme se verifica na tônica do *Jornal das Moças*⁹, a liberdade juvenil se traduziu mais como a possibilidade de usar minissaias ou os cabelos compridos para os homens. De outra parte, a partir desse momento, houve de fato uma separação maior entre as gerações e, nesse sentido, o lazer familiar se modificou profundamente. Os jovens passaram a frequentar lugares voltados para o seu grupo etário, divertindo-se em companhia de outros jovens, e não mais com seus pais ou parentes. A revolução juvenil era mais cultural e de consumo.

(...) embora jovens estejam sempre mudando – uma "geração" de estudantes mal dura três ou quatro anos –, suas fileiras estão sempre sendo reabastecidas. O surgimento do adolescente como ator consciente de si mesmo era cada vez mais reconhecido entusiasticamente, pelos fabricantes de bens e consumo, às vezes com menos boa vontade pelos mais velhos, à medida que iam expandir-se o espaço entre os que estavam dispostos a aceitar o rótulo de "criança" e os que insistiam no de "adulto". (HOBBSAWM, 1995, p. 319)

Assim, o público familiar, antes tão característico, afasta-se dos estádios, cedendo lugar a uma

massa adolescente e juvenil, que vai se tornando predominantemente masculina. Ao mesmo tempo, o uso político que o governo militar fez do futebol durante os anos 1964–1985, associando sua imagem à conquista do tricampeonato mundial, acabou por afastar amplos setores da sociedade desse esporte, que passou a simbolizar o patriotismo, ou melhor, o ufanismo dos anos de chumbo da ditadura militar.

Embora tenha sido o período em que mais se construíram estádios de futebol em todo o Brasil – “onde a Arena vai mal, um time no Nacional. E onde a Arena vai bem, mais um time também”¹⁰ –, nas grandes capitais, como em São Paulo, por exemplo, os estádios se encontravam em péssimas condições, necessitando de reformas, com poucas condições de conforto em suas dependências. Considerando-se a oferta de lazer que a chegada do automóvel possibilitou à classe média, é claro que frequentar os estádios tornou-se menos atrativo. Além disso, a transmissão dos jogos pela televisão também era uma alternativa para o torcedor.

As torcidas uniformizadas há muito não eram mais notícia nos estádios, e até mesmo o São Paulo F.C., que mereceu a primeira uniformizada, era agora conhecido como um clube sem torcida, que jogava em estádios vazios, um clube abandonado. Apenas o Corinthians e o Santos conseguiam atrair grande público. O primeiro porque, apesar de estar há muito tempo sem títulos, sua torcida continuava a aumentar, sendo já classificada de “fiel”, pois o acompanhava em qualquer situação. O Santos tinha a sorte de contar com Pelé em seu quadro de jogadores e explorava isso ao máximo, participando de todos os campeonatos nacionais e realizando amistosos em todos os lugares em que era solicitado, aqui e no exterior.

É nesse contexto que surgiram as torcidas organizadas de futebol, como as conhecemos hoje. De caráter juvenil, essas torcidas não tinham nenhuma vinculação com os clubes, apenas com os times de futebol.

De início, essas torcidas eram de caráter espontâneo, juntando vizinhos e amigos, adolescentes e jovens, que levavam aos estádios bandeiras e instrumentos musicais para acompanhar os jogos e organizavam-se também para as viagens do time. A Gaviões da Fiel foi a primeira, fundada em 1969, mas assim como as torcidas uniformizadas, num período muito curto várias outras surgiram. No entanto, no início da década de 1970, elas começaram a se organizar burocraticamente, tal como empresas, mantendo cargos de diretoria, tesouraria, cobrando, inclusive, taxas de adesão ou mensalidade dos associados.¹¹ A ideia das coreografias como havia no passado também é abandonada, pois o novo ritmo de vida da cidade não permitia a esses jovens encontros prévios para ensaiar antes dos jogos.

As bandeiras e camisas criadas para enfeitar os estádios durante os jogos utilizavam as cores dos clubes, mas eram mais alusivas à própria torcida, trazendo seus símbolos e nomes em destaque. Vestir

a camisa do clube ou a da torcida evidenciava a diferença entre os torcedores; o primeiro, o "torcedor comum", era tido como menos comprometido que o torcedor da organizada.

Disfarçando o feminino

De fato, a partir desse momento, a presença masculina predominava nos estádios de futebol, e, ainda que houvesse mulheres, elas não denunciavam seu gênero e não se distinguiam na massa de torcedores.

Eu me lembro a primeira vez que meu pai me levou para ver um jogo de futebol. Foi no começo dos anos 70, no Morumbi, um jogo do Santos. Foi a maior alegria porque era de noite e eu nunca saía à noite. Eu tinha dez anos de idade e tive que vestir uma calça comprida e uma camisa que era do meu irmão. Para esconder o cabelo eu fiz um rabo de cavalo e escondi debaixo do boné. Não me lembro bem do jogo, mais da sensação de estar no estádio, que era imenso e iluminado.¹²

A partir dos anos 1960, as mulheres vivem a experiência do estádio como um ambiente masculino, no qual é preciso disfarçar-se para não chamar a atenção, para não atrair os gracejos dos homens presentes e evitar brigas.

Mesmo no período em que a imprensa incentivava a presença feminina nos estádios com o intuito de conter a violência¹³, *A Gazeta Esportiva*, por exemplo, aparece como um jornal tipicamente masculino, referindo-se sempre ao "amigo leitor" em suas crônicas e editoriais. Na década de 1960, o jornal passou a consagrar as páginas finais de sua edição de domingo à culinária, à moda e aos "penteados da semana", assuntos típicos de suplementos femininos de outros jornais e revistas. Nesse sentido, embora o jornal estivesse atento ao interesse das mulheres pelo futebol, continuava a distraí-las com roupas, cabelos e culinária.

Importante ressaltar que as mudanças no comportamento feminino foram decorrentes de outras mudanças culturais no comportamento juvenil pós-1960, inclusive com o predomínio do *blue jeans*, das roupas unissex e certa juvenilização que fez com que as diferenças na aparência de homens e mulheres jovens fossem minimizadas.

O que se destaca aqui é uma compreensão geral de que os estádios de futebol são (ou se tornaram) ambientes masculinos e, portanto, a mulher, durante muito tempo, teve que utilizar "disfarces" – as camisetas de futebol que não destacavam seus atributos próprios ao gênero, com exceção dos cabelos que normalmente ficavam aparentes.

NOTAS

^[1] O presente texto baseia-se em minha Dissertação de Mestrado *As torcidas organizadas de futebol: violência e espetáculo nos estádios* defendida em 1996, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP.

^[2] O futebol de várzea foi uma modalidade muito popular e tradicional do futebol paulistano, que no início do século XX era praticado nas várzeas do Carmo e do Tietê. No entanto, com o crescimento da cidade e a decorrente ocupação dessas áreas, essa modalidade quase desapareceu, restando, a partir dos anos 1990, pouco espaço para as agremiações que ainda resistem. Para saber mais, veja Mazzoni (1950).

^[3] No caso da primeira torcida uniformizada fundada no Brasil, também há disputas entre a Torcida Uniformizada do São Paulo e a Xaranga Rubro-Negra, fundada em 1942, por Jaime Rodrigues. Nesse momento a constituição de torcidas era mais espontânea do que na década de 1970, quando passaram a constituir-se legalmente, como organizações civis. De fato, já em 1941, o jornal *A Gazeta Esportiva* noticiava a presença da Torcida Uniformizada do São Paulo Futebol Clube nos estádios.

^[4] *A Gazeta Esportiva*, 19/6/1943, p. 11.

^[5] *A Gazeta Esportiva*, 19/4/1943, p. 4.

^[6] Segundo o jornalista Alberto Helena Junior em entrevista à autora em 2/9/1995.

^[7] *A Gazeta Esportiva*, 26/6/1943, p. 2.

^[8] *A Gazeta Esportiva*, 13/8/1945, p. 4.

^[9] O *Jornal das Moças* foi uma publicação semanal distribuída em todo o Brasil, que circulou de 1914 a 1965, trazendo conselhos de moda, cuidados pessoais e com a casa, receitas culinárias, bordados e trabalhos manuais tidos como femininos e, principalmente, nos anos 1960, matérias que ressaltavam o valor da virgindade e a importância de as moças manterem-se puras para o casamento.

^[10] Slogan corrente durante a ditadura militar em que as disputas entre Arena e MDB levaram ao uso de todos os artifícios para garantir o predomínio dos que apoiavam o regime militar nas eleições indiretas. O campeonato brasileiro de futebol serviu como moeda de troca no jogo das influências.

^[11] Sobre a organização da estrutura burocrática das torcidas veja Pimenta (1997).

^[12] Depoimento da entrevistada Maira (48 anos) à autora em 10/5/1998. Esse depoimento me foi dado por ocasião de outras pesquisas que fiz relacionadas ao Mestrado e o prenome foi usado para garantir o anonimato dos depoentes, pois naquele momento as torcidas eram alvo de ação do Ministério Público. Portanto, o anonimato foi acordado no momento da entrevista e assim deve permanecer.

^[13] A visão de que a presença de mulheres nos estádios inibe a violência também é sustentada pelos estudos sociológicos de Murphy, Williams e Dunning (1994), em que os autores indicam através de dados estatísticos a maior presença feminina e a diminuição de índices de violência.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Lima. *Vida urbana: artigos e crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

GROPPO, Luis Antonio. *Uma onda mundial de revoltas: movimentos estudantis nos anos 1960*. Campinas, 2002. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

HOBSBAWM, Eric J. *A era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MAZZONI, Tomas. *História do futebol brasileiro*. São Paulo: Edições Leia, 1950.

MURPHY, Patrick; WILLIAMS, John; DUNNING, Eric. *O futebol no banco dos réus: violência dos espectadores num desporto em mudança*. Oeiras/Portugal: Celta, 1994.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. *Torcidas organizadas de futebol: violência e auto-afirmação*. Taubaté: Vogal, 1997.